

Por ocasião da comemoração dos 120 anos da grande obra de Euclides da Cunha, a seção de Literatura/Literature da *Brasil/Brazil* relembra um comentário de Erico Veríssimo, publicado, originalmente, na revista do *Globo*, sobre a tradução americana da obra.

Um marco literário na História do Brasil

Os Sertões, de Euclides da Cunha, numa tradução inglesa

Este artigo de Erico Veríssimo foi transcrito do Suplemento Literário do New York Times, para o qual o romancista brasileiro escreveu, a pedido, por ocasião do recente aparecimento, nos Estados Unidos, da famosa obra de Euclides da Cunha em tradução inglesa.

O artigo foi escrito em inglês e nós o traduzimos, procurando conservar o estilo de Erico nesta sua nova experiência de escritor internacional. Na opinião de Samuel Putnam, tradutor de “Os Sertões”, a prosa de Erico, em inglês, pode figurar brilhantemente no lado da dos melhores autores norte-americanos. Publicando este artigo, o New York Times explicou: “Erico Veríssimo, que tem sido chamado o “Theodore Dreiser do Brasil”, é hoje um dos mais conhecidos romancistas que escrevem em língua portuguesa. Veríssimo tem viajado grandemente e feito inúmeras conferências pelos Estados Unidos, traduziu para a sua língua vernácula autores como Huxley e Maugham. No ano passado, uma tradução norte-americana de uma de suas mais famosas novelas, “Caminhos Cruzados” (“Crossroads”), atraiu vasta atenção em nosso país”.

Durante a última década do século passado, um grupo de gente pobre e ignorante reuniu-se nos sertões do Brasil em torno de um homem conhecido como Antônio, o Conselheiro, de quem se dizia que operava milagres. Eram eles subnutridos, analfabetos, castigados pelo clima, e tinham um desejo natural de vida melhor e mais feliz. As suas almas primitivas e supersticiosas, que sofregamente ansiavam pelo sobrenatural, encontraram naquele barbudo e rude profeta um pai, um Messias, uma fonte de conselhos, de esperança e de alegria. Fundaram uma aldeia – Canudos – que em pouco tempo contava com cerca de cinco mil cabanas de tábuas e barrotes, que se espalhavam acima e abaixo dos cômodos e por todo o vale. As suas vielas, becos e ruas irregulares eram desordenadas, desconcertantes e tortuosas como as próprias almas dos seus habitantes.

Nada mais natural que semelhante agrupamento de fanáticos acarretasse perturbações. O “Conselheiro” tinha escolhido um bordão perigoso para os seus sermões: “Abaixo a República!”. O seu rebanho repetia a frase em histérico frenesi. A população de Canudos

crescia enormemente. Todo o “sertão” estava contagiado pela lenda do “santo”, cuja cidadela oferecia um céu aberto e seguro para os criminosos e fugitivos da justiça. Os homens do “Conselheiro” começaram a assaltar viajantes nas estradas; pilhavam também fazendas e aldeias, a-fim-de obter dinheiro e materiais com que edificar os seus templos. Na sua longa túnica escura o sombrio “Profeta dos Sertões” anunciava o fim do mundo e prometia à sua turba uma vida melhor no céu, ensinando-lhe ao mesmo tempo o desprezo por esta perversa existência terrena.

Certo dia a cidade vizinha de Joazeiro, que vendeira uma certa quantidade de madeira para o conselheiro construir a sua igreja, recusou-se a fazer a entrega do material. O **santo**, afrontado, mandou os seus homens armados para que fossem buscá-lo. O juiz de Joazeiro telegrafou pedindo proteção. Uma força policial de cerca de cem homens foi enviada por trem, mas sofreu esmagadora derrota. Tropas federais, plenamente equipadas com fuzis e canhões, foram remetidas para combater os rebeldes – e depois de muitas expedições falhadas, e à custa de pesadas perdas, conseguiram por fim tomar a cidadela bárbara. Mas “Canudos jamais se rendeu. Conquistada palmo a palmo, no sentido literal da expressão, caiu a 5 de outubro, à hora do crepúsculo, quando caíram seus últimos defensores, que vinham caindo homem após homem. Restaram apenas quatro: um velho, dois homens maduros e uma criança, que faziam frente a um furioso exército de cinco mil soldados”.

Enquanto este drama sinistro se desenrolava nos sertões, os literatos brasileiros, com pouquíssimas exceções, mostravam um supremo desinteresse para com os problemas nacionais. Alguns deles ainda estavam puerilmente apaixonados pela língua materna, e continuavam a brincar com palavras, à sombra de Ruy Barbosa – o homem que, diziam-no com orgulho, encontrara em português duzentos sinônimos de prostituta. Outros havia que tentavam imitar Flaubert e Zola. A Europa era o seu pão, a França o seu país espiritual, e Paris a sua cidade favorita. Muitos deles tinham um ar de “fin de siècle”, eram elegantemente pessimistas, **blasés**, e, seguindo Oscar Wilde, jogavam com paradoxos. No terreno da poesia os parnasianos dominavam a cena com o sonoro esplendor de seus sonetos marmóreos, numa procura acadêmica de perfeição. Alguns poetas, influenciados por Baudelaire e Mallarmé, intentaram uma “rebelião” contra os parnasianos e se fizeram simbolistas. Mas era ainda uma simples questão de imagens e palavras.

Um Marco...

Entrementes, o Brasil estava cheio de problemas irresolvidos que ninguém ousava ou pensava tratar. Os políticos, como sempre, estavam demasiado absorvidos na política. A

República vivia os seus primeiros e difíceis anos e, sabem-no todos, o cuidado com um recém-nascido é sempre um assunto delicado, especialmente para pais inexperientes.

As cousas estavam neste pé quando, nos últimos dias de 1902, Euclides da Cunha publicou o seu livro “Os Sertões”, que continha um estudo muito sério e profundo das terras do interior – de sua fauna, flora, geografia, clima, geologia e etnologia – juntamente com uma narração incomumente honesta e vigorosa sobre a campanha de Canudos. O livro era obra de um artista como também a de um cientista, e teve o efeito de um enorme e luminoso bólido a cair inesperadamente dos céus. O ímpeto desse meteoro embasbacou por um momento os críticos, militares, políticos, artistas, literatos e leitores comuns. Quem era – perguntavam eles – aquele bravo homem que ousava desafiar o Governo, fazendo um relato cru e impressionantemente sincero de uma campanha que alguns jornais haviam tentado descrever em cores nobres e deslumbrantes?

Milhares de pessoas liam “Os Sertões”. A maioria dos leitores era principalmente fascinada pelo estilo do escritor. Muitos saltavam os dois primeiros capítulos – “A Terra” e “O Homem” – porque os achavam sobrecarregados de termos técnicos, mas se detinham gostosamente na última parte do livro – “A Luta” – porque ali havia o sabor de uma boa novela, cheia de enredos, drama e cenas patéticas.

Da Cunha tem um estilo masculino. As suas frases são brilhantes e flexíveis como o aço. Elas cintilam e às vezes têm a qualidade incisiva de um látego. A sua prosa é amiúde impaciente, nervosa, quase selvagem, mas às vezes resume uma disciplina e mesmo uma fria tranquilidade. Contudo, é sempre correta e precisa. E o matemático que foi Euclides da Cunha aparece nítido na qualidade geométrica das sentenças, no amor à precisão e na estrutura dos parágrafos. Várias passagens de “Os Sertões” são realmente obras primas sem igual na língua portuguesa.

Em suma, esse livro foi um marco importante: inaugurou uma nova era na literatura brasileira. Os literatos que tinham os olhos voltados para a Europa e que meramente cuidavam de problemas estéticos, deixaram as suas torres de marfim e pisaram na boa e velha terra, seguindo a trilha de Euclides da Cunha, esse homenzinho nervoso e um tanto tímido que certa vez, num verso, descrevera a si mesmo como “uma mistura de índio, celta e grego”. Depois da publicação de “Os Sertões”, brotou em todo o Brasil com a exuberância da flora tropical, uma literatura regional cujos heróis eram gente de casa e cujas paisagens eram do torrão natal – e tão próprias como os problemas, os conflitos e as paixões.

Se eu tivesse que escolher um único livro da literatura brasileira a-fim-de ser traduzido para outras línguas como a obra característica da minha terra e da minha gente, certamente haveria de apontar “Os Sertões”. Ele é com efeito o nosso maior clássico.

Corajoso, direto e dramático, tudo nos conta a respeito de um pasmoso cadinho de raças. Mostra-nos, com uma semelhança quase fotográfica, uma paisagem trágica, tanto geográfica como humana. Narra uma impressionante história de violência, fanatismo, sangue e mistério, mas, também uma história de coragem, paciência e sofrimento. Está cheio de simpatia para com os miseráveis. E é um livro surpreendentemente “novo” e oportuno, porque muitos dos problemas que ele apresenta e discute ainda esperam solução.

Conversando com Moisés Vellinho, um dos mais notáveis ensaístas brasileiros, observei-lhe que a falta de densidade psicológica em nossa gente e em nossa vida é uma certa desvantagem para o escritor interessado no romance de ideias e em análises psicológicas. Vellinho concordou comigo, e acrescentou: “mas o aspecto mais dramático da nossa vida nacional está na população pobre e abandonada do interior. É por isso que, embora não seja um livro de ficção, “Os Sertões” é o nosso maior e mais impressionante romance”.

Atualmente, estadistas e escritores do Brasil procuram resolver o terrível problema das populações do interior e dos sertões. Já não pensam mais em linhas de expedições armadas, mas antes em linhas de compreensão humana, de escolas, de higiene, de justas leis trabalhistas, e de assistência social. Os brasileiros são fundamentalmente antitotalitários, e têm aversão pelas situações violentas. A nota básica de sua vida é uma deliciosa mistura de malícia e bondade, entremeadas de sentimentalismo e com um toque boêmio. Têm eles um maravilhoso senso de humor e não emprestam grande importância a uma civilização expressa em termos de dinheiro e progresso mecânico. E se conseguirem vencer a miséria, o analfabetismo e a pobreza de saúde – os seus mais sérios problemas entre as classes sem recursos – acredito que possam realizar as esperanças de Stefan Zweig – que viu no Brasil o país do futuro.

Seria pretensioso e fútil criticar ou analisar aqui o livro de Euclides da Cunha. Estudando-o à luz das mais recentes teorias e descobertas, sociólogos, antropologistas e geólogos poderão achá-lo em falta quanto a pequenos enganos ou exageros, principalmente no que se refere a problemas raciais. Mas “Os Sertões” resistiram à prova do tempo. Li-o várias vezes e tornei a lê-lo essa semana na tradução de Samuel Putnam, que é em si mesma um feito literário, pois é mais difícil traduzir Euclides da Cunha para o inglês do que, por exemplo, dar em português a rica e indomável prosa de Thomas Wolfe.

Há, a propósito, uma espécie de semelhança entre estes dois escritores. Ambos amaram apaixonadamente a sua terra e o seu povo. As suas prosas têm a mesma impetuosidade, o mesmo caráter torrencial, a mesma qualidade viril. Ambos os escritores foram homens solitários e insatisfeitos, cheios de sonhos fraternos – e de orgulho feroz. Talvez Wolfe fosse mais poeta que Da Cunha. Mas, o que é assaz surpreendente, a veia sentimental era mais forte no americano que no brasileiro.

A tradução que Mr. Putnam fez de “Os Sertões” é precisa, bela e cheia de notas esclarecedoras. O leitor que geralmente não lê prefácios é aconselhado a não perder o que o tradutor escreveu para “**Rebellion in the Backlands**”. Nele se acumulam valiosas informações, e só lhe encontro um pequeno engano. O autor brasileiro foi assassinado por um oficial do exército, é verdade, mas não “em represália às cruas revelações em torno do exército e no temor de um outro livro que Da Cunha estava a escrever por ocasião de sua morte”. Todo o assunto foi estritamente pessoal. Com efeito, o assassinato foi o clímax de uma sombria história passional, cujos detalhes absolutamente não cabem lembrar aqui.
(RG, Um marco literário na História do Brasil. p. 18 e 51, 25 mar. 1944.)

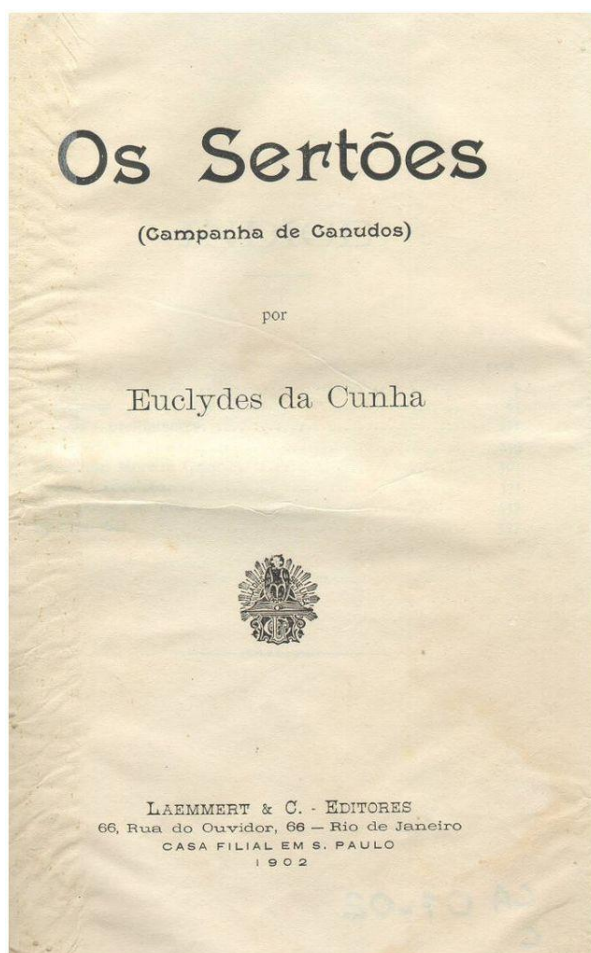


Figura 1 Frontispício da primeira edição de Os Sertões, Euclides da Cunha.